

- LÍNGUA

A LINGUÍSTICA APLICADA E SEUS (META)PARADIGMAS: O CONTEXTO DE ENSINO DE LÍNGUAS

Elaine Ferreira do Vale Borges*

Resumo: Este artigo objetiva apresentar alguns temas como (meta)paradigma, abordagem e movimento na constituição da linguística aplicada na contemporaneidade. A discussão é fundamentada na noção do termo paradigma em Kuhn nas ciências exatas e humanas e visa promover uma reflexão crítica em profissionais da área de ensino de línguas, com ênfase nos professores de línguas estrangeiras no que se refere às abordagens de ensino de línguas que auxiliam as práticas em sala de aula.

Palavras-chave: linguística aplicada; abordagem de ensino de língua; paradigma.

■ **N**a perspectiva de Kuhn (2001, p. 13), a ciência se constitui a partir da formação de paradigmas, designados pelo filósofo como as “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Atualmente, essa talvez seja a definição clássica e globalmente aceita entre cientistas em diferentes áreas. No entanto, a noção de paradigma é reformulada pelo próprio Kuhn (2001) no posfácio de *A estrutura das revoluções científicas* (doravante *Estrutura*) – publicado em edições posteriores da obra. Nele, o filósofo reconsidera as muitas manifestações – mais negativas (SHAPER, 1964; POPPER, 1979; WILLIAMS, 1979; LAKATOS, 1979) que positivas (MASTERMAN, 1979) – acerca dos diferentes sentidos do termo paradigma no corpo da *Estrutura* (KUHN, 1979, 1989, 2006).

* Mestra em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp) e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp).

Masterman (1979) – solidária ao viés sociológico da *Estrutura* – revela haver 21 sentidos do termo paradigma em Kuhn, agrupados em três grandes conjuntos (paradigmas metafísicos ou metaparadigmas, paradigmas sociológicos e paradigmas de artefato ou de construção).

Considerando as ponderações de Masterman e, conseqüente, os vários sentidos do termo em sua obra, Kuhn (2001) reconhece a existência de dois tipos (conjunto e subconjunto) de paradigmas na constituição das ciências – englobando, aqui, não somente as ciências exatas (com seus paradigmas inequívocos e obrigatórios), mas outras ciências (com paradigmas menos inequívocos e obrigatórios, cf. Kuhn) como as ciências sociais (e as da linguagem) –, a saber: *paradigmas como a constelação dos compromissos de grupo* ou *paradigmas sociológicos* (de sentido mais global; conjunto) que “indica[m] a constelação de crenças, valores e técnicas, etc. [...] partilhados pelos membros de uma comunidade determinada” (KUHN, 2001, p. 218); e *paradigmas como exemplos compartilhados* (de sentido mais restrito; subconjunto) que “denota[m] um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebras-cabeças” (KUHN, 2001, p. 218). Este último tipo de paradigma é o que Masterman considera como *metaparadigma*.

No cerne da formação de um paradigma, tanto de sentido mais restrito (subconjunto; metaparadigma) quanto de sentido mais global (conjunto; paradigma sociológico), encontra-se o que Kuhn denomina de *regras abstratas* ou *implícitas*, ou seja, os princípios “que regulam aspectos da atividade científica” (DASCAL, 1978, p. 21). Conforme Kuhn (2001, p. 62), essas regras podem ser identificadas como *um ponto de vista estabelecido* ou uma *concepção prévia* – possuindo, aqui, afinidades com a visão que Michael Polányi desenvolveu sobre o *conhecimento tácito*, aquele que é “adquirido através da prática e que não pode ser articulado explicitamente”.

Kuhn cita ainda a visão filosófica de Wittgenstein (1991) com o intuito de que ela possa ajudar também na reflexão do conceito de paradigma dentro do campo das ciências como um todo. Isso no sentido de que a *regra* na ciência não é algo fixo para a compreensão de um paradigma, mas sim dependente da tradição de um ou outro campo ou comunidade científica. Em outras palavras, cada ciência, imersa em seu contexto específico, teórico e prático, é que definirá as regras que compõem, estruturam e/ou validam seus paradigmas.

Nesse sentido, a “segunda” filosofia de Wittgenstein nos chama a atenção para que desviemos do *ideal de exatidão platônico* que “adoece” o pensamento e contribui para as confusões de natureza conceitual, bloqueando, dessa forma, a evolução das discussões, principalmente no campo científico.

Ao realinhar os sentidos que se apresentam no corpo da *Estrutura* para a significação de paradigma de sentido *mais global* e *mais restrito*, Kuhn acaba explicitando o valor de sua obra também, como já mencionado, para pensar a constituição das ciências sociais (e da linguagem) – que evoluem mais por acumulações do que propriamente por revoluções. Ocorrência que acaba minimizando muitas das críticas imputadas a ele, já que a visão clássica de paradigma, associada às noções de ciência normal (ciência amadurecida) e ciência extraordinária (não ciência; imaturidade científica), dificultava o diálogo entre a obra de Kuhn e muitos cientistas (outros que não aqueles das ciências exatas). Isso devido ao fato de que apenas às ciências possuidoras de um paradigma *inequívoco* e *obrigatório* parecia ser atribuída a característica de maturidade científica. Com a concepção, especialmente, de *paradigmas como exemplos compar-*

tilhados (de sentido mais restrito; subconjunto; metaparadigma), Kuhn passa a distinguir também um de tipo paradigma presente nas ciências sociais (e da linguagem). Dessa forma, a visão de imaturidade científica na obra de Kuhn associada às outras ciências que não as ciências exatas, conforme pontuado pelos críticos da *Estrutura*, deixa de ser verdadeira.

E é com base nessa redefinição da visão paradigmática de construção científica que a *Estrutura* acaba por influenciar algumas reflexões sobre o desenvolvimento científico para além das ciências exatas.

No campo da psicologia, por exemplo, Markova (1982) destaca a existência de dois grandes arcabouços filosófico-culturais ou duas tradições intelectuais ocidentais, quais sejam, o *arcabouço cartesiano* e o *arcabouço hegeliano* – que se aproximam da visão de paradigma de sentido mais global (paradigma sociológico; conjunto) em Kuhn. Seguindo a linha de Markova, Figueroa (1994) enfatiza que os paradigmas da sociolinguística são o *formal* e o *funcional*, o primeiro se alinha ao arcabouço cartesiano, e o segundo, ao arcabouço hegeliano. Todavia, compreendo que os paradigmas em Figueroa se assemelham à concepção de paradigma de sentido mais restrito (metaparadigma; subconjunto) em Kuhn, sendo, portanto, subconjuntos dos arcabouços de Markova.

Na história da linguística, autores como Koerner (1976) e Dascal (1978) ressaltam as presenças dos paradigmas *saussuriano* (ou estruturalista) e *chomskyano* (ou gerativo-transformacional). Dascal destaca ainda que as teorias desenvolvidas por Saussure e Chomsky podem ser consideradas como duas revoluções científicas dentro da linguística. Por sua vez, vale mencionar, Percival (1976) e Borges Neto (2004, p. 141) pontuam ser a visão sobre a formação de *programas de pesquisa científica* de Lakatos (1979) a mais “esclarecedora a respeito do comportamento das teorias lingüísticas”.

Para Lakatos (1979), em oposição a Kuhn, as ciências não evoluem por revoluções, mas pela competição entre várias teorias (ou programas de pesquisa) dentro de um determinado campo científico. Cada teoria ou programa, por sua vez, desenvolve-se ao redor de um *núcleo irredutível* ou hipótese teórica muito geral que, em seu desenvolvimento, é sustentada por um *cinturão protetor*. Porém, as visões de núcleo irredutível e cinturão protetor em Lakatos aproximam-se conceitualmente dos termos *regra abstrata* e *comunidade científica*, respectivamente, em Kuhn. O que faz que as visões desses dois filósofos da ciência, especialmente depois das reflexões de Kuhn nos posfácio da *Estrutura*, sejam compatíveis entre si.

Na linguística aplicada (LA), as reflexões em relação à sua *identidade disciplinar* (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998) no campo dos estudos da linguagem giram mais em torno da compreensão dos aspectos inter e/ou transdisciplinares dessa ciência aplicada do que do desenvolvimento de seus paradigmas propriamente dito.

Segundo Brumfit (1980, p. 158), a questão inter/transdisciplinar é enfrentada por qualquer atividade científica de natureza aplicada, já que precisa necessariamente “relacionar *insights* extraídos de uma variedade de diferentes disciplinas para a solução de problemas práticos específicos”. Entretanto, no caso da LA, a proximidade com a sua maior ciência de contato – a linguística (L) – dificulta um pouco as coisas, na medida em que ainda se discute na área a natureza de aplicação de teoria linguística da LA – visão sustentada por muitos linguistas e rechaçada pela maioria dos linguistas aplicados.

A esse respeito, o linguista aplicado Brumfit (1997, p. 90) salienta que “ambos linguistas e linguistas aplicados combinam atividade teórica e empírica”, mas, ao passo que os linguistas “materializam” a língua, os linguistas aplicados “materializam” as práticas da língua. Dessa forma, ainda segundo Brumfit (1997), tradicionalmente os linguistas investigam a língua como um fenômeno, já os linguistas aplicados vão além e pesquisam as práticas da língua.

Para Widdowson (2000, p. 5), o centro da questão está mesmo na distinção clara que se deve ter entre aplicação de linguística e linguística aplicada. A diferença entre as duas disciplinas está no modo como cada uma interfere cientificamente nos problemas da linguagem no mundo real, ou seja, enquanto a L busca soluções linguísticas para problemas linguísticos, a LA procura interpretá-los dentro do contexto geral em que ocorrem. Dessa forma, tanto a L quanto a LA desenvolvem teorias sobre a linguagem.

E é com base nessa compreensão que as discussões sobre a *identidade* da LA poderiam evoluir para reflexões sobre a formação de paradigmas que são próprios da LA, que propulsionam o seu desenvolvimento e sua evolução como uma ciência independente da L – já que, conforme Brumfit (1980), a questão da inter/transdisciplinaridade é uma característica inerente a qualquer ciência aplicada. Para tanto, todavia, é necessário ter em mente que os paradigmas da L não são os paradigmas da LA, mas são os paradigmas de contato da LA, e sem dúvida alguma os mais importantes paradigmas de contato dessa ciência aplicada.

Nessa linha de reflexão, Borges (2009) toma para si a complexa tarefa de diagnosticar os paradigmas dentro de uma das subáreas *Ensino-Aprendizagem de LE/L2*¹ da LA ao desenvolver pesquisa científica de cunho teórico sobre esse tema. Com a pesquisa em questão, a linguista aplicada chega às seguintes considerações:

1. A noção de *abordagem* de ensino de língua em Anthony (1963)² é equivalente ao sentido de *paradigma de sentido mais restrito* (subconjunto) em Kuhn e ao sentido de *metaparadigma* em Masterman. Por sua vez, a concepção de *movimento* na LA é análoga à visão de *paradigma de sentido mais global* (paradigma sociológico; conjunto) em Kuhn. Dessa forma, a abordagem (metaparadigma) é um subconjunto do movimento (paradigma sociológico).
2. Contemporaneamente, são três as abordagens de ensino de língua: *abordagem instrumental* (AI), *abordagem comunicativa* (AC) e *abordagem comunicacional* (ACC); e um o movimento: *movimento comunicativo* (MC). As três abordagens citadas compõem o MC. O movimento anterior e rival ao MC é o *movimento gramatical* cuja única abordagem é a *abordagem gramatical* e/ou *abordagem audiolingual*.
3. As abordagens são orientações de ação pedagógica (uma *filosofia*, um *ato de fé* dos teorizadores, cf. Anthony, (1963)) – baseadas em uma (ou mais) teoria de aquisição de língua – desenvolvidas pelos membros de diferentes

1 Língua estrangeira e segunda língua.

2 De acordo com Anthony (1963, p. 64-65), a abordagem de ensino de língua é “um conjunto de suposições correlatas tratando da natureza da linguagem e da natureza do ensino-aprendizagem”, é algo “que sustenta um ponto de vista”, “uma filosofia, um ato de fé – algo que se acredita, mas não se pode necessariamente provar”.

- comunidades científicas (de sentido mais restrito) que, por sua vez, compõem uma única comunidade científica (de sentido mais global) de um movimento.
4. O MC (paradigma sociológico; conjunto) tem como *regra abstrata* (Kuhn) ou *núcleo irreduzível* (Lakatos) a visão de linguagem como ato social/comunicação. As abordagens instrumental, comunicativa e comunicacional (metaparadigmas; subconjuntos) trazem como *regra abstrata* (Kuhn) ou *núcleo irreduzível* (Lakatos) as visões de que a aquisição de LE/L2 ocorre pelo acesso (*a priori*), respectivamente, das competências pragmática (AI), comunicativa (AC) e gramatical (ACC). Isso significa dizer que essas abordagens diferem na maneira de compreender os processos de aquisição de língua (objeto de estudo), mas compartilham a visão macro de linguagem como ato social/comunicação do movimento do qual fazem parte.

A pesquisa de Borges (2009) levanta algumas questões importantes para o encaminhamento da reflexão sobre a constituição de paradigmas próprios da LA. Com isso, a subárea Ensino-Aprendizagem de LE/L2 é instigada a repensar o arranjo de suas abordagens na contemporaneidade, já que a noção geral que se tem na área é a de que a AC é a única abordagem na atualidade. Dentro dessa visão, o que Borges enfatiza como AI e ACC (abordagens independentes e coexistindo com a AC no MC, conforme a autora) são consideradas no contexto geral de ensino de língua como compondo um todo reconhecido como AC e/ou MC, em oposição à abordagem ou movimento gramatical.

A noção de que a AC é a única abordagem contemporânea no contexto de ensino de língua acaba possibilitando duas situações principais de compreensão do papel exercido pela AI e pela ACC na área. Primeiro, lembrando da hierárquica *abordagem, método e técnica* proposta por Anthony (1963), a AI seria o método *para fins específicos* da AC, enquanto a ACC seria o método *baseado em tarefas* dessa mesma abordagem. Segundo, na visão de Howatt e Widdowson (2004, p. 349), influentes pesquisadores na LA, a AI seria a “dimensão de propósitos específicos” da AC, enquanto a ACC seria a versão não ortodoxa daquela abordagem.

As duas situações tomam a AC como o todo (única abordagem contemporânea, sinônimo de MC) e dificultam o entendimento da formação de outras abordagens, além da AC, no ensino de línguas. Isso inviabiliza a reflexão sobre a constituição e o desenvolvimento de paradigmas próprios da LA, uma vez que a questão de tomar a AC como única abordagem não invalida o surgimento de outras (concorrentes ou não da AC), mas obscurece e atrapalha o julgamento científico.

Em seu trabalho, Borges (2009) propõe uma reflexão mais cuidadosa e sugere que a LA, dentro do campo de ensino de línguas e no contexto do MC, tem em pleno desenvolvimento três metaparadigmas ou abordagens: a AC, a AI e a ACC. No campo geral da LA, que vai além da subárea Ensino-Aprendizagem de LE/L2, a autora indica ainda que o MC é provavelmente o atual grande paradigma (paradigma sociológico) dessa ciência aplicada.

Essas ponderações elevam a LA ao patamar de ciência amadurecida ou ciência normal (nas considerações de Kuhn discutidas no início deste artigo) e independente da L. Também a situa à frente das infindáveis discussões sobre a sua

natureza inter e/ou transdisciplinar (constitutiva da LA), garantindo-lhe a *identidade disciplinar* em termos paradigmáticos.

Em relação aos professores de línguas, a compreensão de que a AC não é a única abordagem contemporânea, desmitificando o todo atribuído a essa abordagem – que confunde tanto os professores quanto os teorizadores –, é necessária para auxiliar corretamente (caso os professores façam uso das abordagens discutidas aqui em seus contextos de ensino) as ações pedagógicas em sala de aula. Isso em razão do fato de que há uma diferença em pensar a prática baseando-se apenas em uma determinada concepção sobre a aquisição de língua (AC/competência comunicativa) ou partir do conhecimento de que há outras concepções (ACC/competência gramatical e AI/competência pragmática) dentro de uma mesma visão (macro) sobre a linguagem.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, E. M. Approach, method, and technique. *English Teaching Forum*, v. 3, n. 1, p. 7-10, 1963.

BORGES, E. F. V. *Uma reflexão filosófica sobre abordagens e paradigmas na constituição da subárea Ensino-Aprendizagem de LE/L2 na Linguística Aplicada*. 2009. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRUMFIT, C. J. Being interdisciplinary – some problems facing applied linguistics. *Applied Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 158-164, 1980.

_____. How applied linguistics is the same as any other science. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 7, n. 1, p. 86-94, 1997.

DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Concepções gerais da teoria linguística. São Paulo: Global, 1978. v. 1.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994.

HOWATT, A. P. R.; WIDDOWSON, H. G. *A history of English language teaching*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2004.

KOERNER, E. F. K. Paradigms in the 19th and 20th century history of linguistics: Schleicher, Saussure, Chomsky. In: HEILMANN, L. (Ed.). *Proceeding of the eleventh international congress of linguistics*. Bologna: Il Mulino, 1976. v. 1.

KUHN, T. S. Reflexões sobre os meus críticos. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*: quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 285-343.

_____. Reconsiderações acerca dos paradigmas. In: _____. *A tensão essencial*. Tradução Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 353-382.

_____. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O caminho desde a Estrutura*: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica. Tradução César Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*: quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 285-343.

MARKOVA, I. *Paradigms, thought and language*. London: John Wiley and Sons, 1982.

MASTERMAN, M. A natureza de um paradigma. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*: quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 72-108.

PERCIVAL, W. K. The applicability of Kuhn's paradigms to the history of linguistics. *Language*, v. 52, n. 2, p. 285-294, 1976.

POPPER, K. R. A ciência normal e seus perigos. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*: quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 63-71.

SHAPER, D. The structure of scientific revolutions. *Philosophical Review*, v. 73, p. 383-394, 1964.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, C. C. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

WIDDOWSON, H. G. On the limitations of linguistics applied. *Applied Linguistics*, v. 21, n. 1, p. 3-25, 2000.

WILLIAMS, L. P. Ciência normal, revoluções científicas e a história da ciência. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*: quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 60-62.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BORGES, E. F. do V. Applied linguistics and its (meta)paradigms: the teaching language context. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 81-87, 2010.

Abstract: *This paper is dedicated to discussing themes such as (meta)paradigm, approach, and movement in the constitution of applied linguistics in contemporaneity. The discussion is fundamented on the notion of paradigm in Kuhn in the exact and human sciences. Moreover, it aims at promoting a critical reflection on language teaching professionals, with a particular emphasis on foreign language teachers concerning teaching language approaches adopted in classroom practices.*

Keywords: *applied linguistics; teaching language approach; paradigm.*